

## Movimentos antivacinas: ameaça para a saúde pública

### *Anti-vaccine movements: threat to public health*

Giani Burtet<sup>1\*</sup>, Cristiani Fontanela<sup>1</sup>, Andrea de Almeida Leite Marocco<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

Os movimentos sociais acontecem com o objetivo de promover alguma transformação na sociedade, buscando igualdade, direitos e espaço nas interações sociais. Nos últimos tempos, devido aos avanços da tecnologia e o acesso à Internet e redes sociais, mais pessoas demonstraram interesse em fazer parte dos movimentos. Nesse estudo foi abordado o movimento antivacina. A metodologia utilizada neste estudo adota a abordagem qualitativa, com enfoque dedutivo na análise das informações, baseada em pesquisa bibliográfica teórica. Nesta pesquisa, para alcançar o objetivo geral de verificar como a cobertura vacinal é influenciada pelos movimentos antivacina, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: apresentar como os movimentos sociais são formados; demonstrar os fundamentos do movimento antivacina, e, analisar os impactos desse movimento na imunização por vacinas. Como resultado ficou demonstrado que com o crescimento dos movimentos antivacina a cobertura vacinal não atingiu as metas ideais e doenças que estavam controladas e erradicadas voltaram a ser fator de preocupação para a saúde pública.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais; Vacina; Fake News; Antivacina;

---

#### ABSTRACT

Social movements take place with the aim of promoting some transformation in society, seeking equality, rights and space in social interactions. In recent times, due to advances in technology and access to the Internet and social networks, more people have shown interest in being part of the movements. In this study, the anti-vaccine movement was addressed. The methodology used in this study adopts a qualitative approach, with a deductive focus on information analysis, based on theoretical bibliographic research. In this research, to reach the general objective of verifying how vaccination coverage is influenced by anti-vaccination movements, the following specific objectives were elaborated: to present how social movements are formed; demonstrate the fundamentals of the antivacin movement, and analyze the impacts of this movement on vaccine immunization. As a result, it was shown that with the growth of anti-vaccination movements, vaccination coverage did not reach the ideal goals and that diseases that were controlled and eradicated once again became a concern for public health.

**Keywords:** Social movements; Vaccine; Fake News; Anti-vaccine;

---

<sup>1</sup> Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

\*E-mail: [giani@unochapeco.edu.br](mailto:giani@unochapeco.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Desde 2020, devido à pandemia ocasionada pelo Coronavírus que assola todo o mundo, um dos assuntos mais comentados nos meios acadêmicos e sociais tem sido o desenvolvimento de uma vacina para evitar a transmissão da doença Covid-19. A situação pandêmica promoveu uma busca acirrada pela solução imunizadora e, no desenvolvimento por pesquisadores e empresas de vacinas, em tempo recorde. Nesse contexto de pandemia, para além dos debates sobre as vacinas, várias foram e são as discussões e opiniões externadas pela sociedade, sobre as medidas adotadas pelo Estado, pelos executivos Municipais, Estaduais e Federal sejam elas relacionadas à economia, à educação ou à área específica de saúde.

A imunização por meio da vacina apresenta-se como a melhor prática de prevenção contra doenças infecciosas imunopreveníveis, e apesar da notória comprovação científica quanto aos benefícios das vacinas no controle dessas doenças, tornaram-se comuns os questionamentos sobre a eficácia desses fármacos e quais suas reações, decorrendo em movimentos antivacinação por parte da população.

Pode-se dizer que a ideologia desse movimento, embora não apresente fundamentos científicos e ainda que na maioria das vezes, sejam baseados em informações falsas, alcançam impacto na opinião das pessoas, tendo influenciado negativamente nos planos de imunizações. A recusa à vacinação compromete tanto a vida de quem decide não ser imunizado como também a proteção coletiva da sociedade, tornando uma ameaça para a saúde pública.

Diante disso, para alcançar o objetivo geral de verificar como a cobertura vacinal é influenciada pelos movimentos antivacina, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: apresentar como os movimentos sociais são formados; demonstrar os fundamentos do movimento antivacina, e, analisar os impactos desse movimento na imunização por vacinas.

Nesta pesquisa, a metodologia adota a abordagem qualitativa, com enfoque dedutivo na análise das informações, baseada em pesquisa bibliográfica teórica a ser realizada em legislação, artigos e periódicos publicados em livros, revistas e sites e outros materiais sobre o tema.

Este trabalho divide-se, além desta introdução e das considerações finais, em três partes: a primeira que trata sobre como os movimentos sociais se desenvolvem e atuam,

a segunda que apresenta o movimento antivacina e seus fundamentos e a terceira que analisa os impactos do movimento antivacina na cobertura vacinal.

## **MOVIMENTOS SOCIAIS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Diferente de muitos assuntos, os movimentos sociais não tem um conceito único, são significados distintos dependendo a partir de qual concepção se desenvolve. Para Maria da Glória Gohn (2012, p. 13) “[...] não há um conceito sobre movimentos sociais, mas vários, conforme o paradigma utilizado”. Os movimentos acontecem com o objetivo de promover alguma transformação na sociedade, buscando igualdade, direitos e espaço nas interações sociais.

Conforme afirmado anteriormente, não há uma definição única para o termo movimento social, mas serão apresentadas algumas definições sob a perspectiva de alguns autores. Para Silva (2001) o movimento social é considerado como um agir por meio de vários procedimentos e um pensar por meio de ideias que motivam ou embasam a ação individual e coletiva.

Já Ferreira (2003) considera os movimentos sociais uma ação coletiva de grupos que se organizam com a finalidade de realizar mudanças sociais por meio da luta política, compartilhando valores ideológicos e questionando determinada realidade.

Os movimentos sociais podem ser definidos como ações coletivas voltadas à promoção de mudanças sociais e políticas mais amplas, que produzam transformações na sociedade por meio de enfrentamentos ou lutas coletivas em diferentes campos (SANTOS; FARIAS; ANDION, 2021).

Para Maria da Glória Gohn (1995, p.44) os movimentos sociais são “ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores pertencentes a diferentes classes sociais que politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil”. E é a partir dessa união de interesses em comum que os movimentos sociais desenvolvem uma identidade baseada nos ideais políticos e culturais de cada grupo.

É importante destacar que os movimentos sociais não se limitam a manifestações públicas, contando também com organizações que atuam com a finalidade de alcançar seus objetivos de acordo com cada causa que se quer defender (AFFONSO, 2018).

Esses movimentos demonstram sua importância ao participar direta e/ou indiretamente da luta política de um país, contribuindo com a transformação e desenvolvimento da sociedade civil e política (GOHN, 2000). Os movimentos sociais podem ser definidos como um instrumento que possibilita o alcance de objetivos individuais e coletivos, permitindo a superação de condições de opressão, possibilitando mudanças sociais e construindo uma nova forma de sociedade (MIRANDA; CASTILHO; CARDOSO, 2009).

Os movimentos sociais sempre existiram e no Brasil se tornaram mais populares a partir da década de 70. Atualmente, devido à situação sociopolítica, econômica, cultural e tecnológica é diferente das décadas de 1990, antes aconteciam na forma de manifestações, marchas e ocupações com o intuito de reagir contra determinado setor. E agora, em geral, são promovidos por grupos organizados que se estruturam, convidam e se organizam por meio das redes sociais (AFFONSO, 2018).

A motivação dos movimentos sociais também foi alterada, nos últimos tempos eles não se limitam mais à política, à religião ou às demandas socioeconômicas e trabalhistas, mas também acontecem por motivos de reconhecimento, de identidade e cultura, destacando-se ao lado de movimentos sociais globais. Assim, os movimentos sociais deparam-se com novas demandas, novos conflitos e novas formas de organização, gerados pelos efeitos da globalização, em suas múltiplas faces (GOHN, 2008).

Nesse contexto, os movimentos sociais, possivelmente, sempre existirão, pois representam forças sociais organizadas que unem as pessoas não como força tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social, gerando criatividade e inovações socioculturais (GOHN, 2004). Dessa forma, os movimentos sociais, no Brasil e no mundo, expressam esforço de construção social a partir da atuação coletiva dos indivíduos, e, portanto, possuem relevância para a sociedade civil, enquanto instrumento de manifestação e reivindicação (AFFONSO, 2018).

Os movimentos sociais apresentam diferentes reivindicações e colocam em pauta inúmeras propostas e alternativas sociais, econômicas, produtivas, políticas, pedagógicas, entre outros. Esses movimentos apresentam características voltadas ao plural e são importantes para a organização e mobilização dos cidadãos, visam à melhoria na qualidade de vida dos indivíduos e transformação da sociedade em um local mais justo, no qual o respeito prevaleça, seja ele individual ou coletivo (GOHN, 2014).

Com a ascensão da Internet os movimentos estão apresentando novas características, fomentados pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Atualmente, não temos como pensar em movimento social sem remeter-nos às ações de grupos organizados que visam lutar por mudanças na sociedade. Com a facilidade das tecnologias e o acesso a informações, cresceu o interesse dos jovens e adultos em fazer parte de movimentos proporcionando o sentimento de pertencimento e representação (SANTOS, 2018).

Manuel Castells (2013, p. 18) explica os movimentos sociais e as transformações com as possibilidades das novas tecnologias:

Ao longo da história, os movimentos sociais são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições da sociedade se transformaram a fim de representar esses valores criando novas formas para organizar a vida social. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da Internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida.

As tecnologias surgem como elemento novo aos movimentos sociais, e com o vasto espaço da internet que demonstra coerção de interesses individuais, e também exige cada vez mais respostas dos cidadãos, grupos e do próprio Estado, trazendo novas formas de disputa por esse novo campo do espaço público (MINUCELLI, 2015).

A sociedade passou por grandes transformações ao decorrer dos anos, e uma delas de grande relevância foi a criação da internet e das redes sociais. Para Castells (2016, p.64) a sociedade da informação é o resultado de uma revolução com mudanças tecnológicas responsáveis pela alteração das relações pessoais, econômicas, sociais, culturais e governamentais.

Com essa nova forma de práticas culturais, a manifestação nas redes também se consolidou como um momento inédito na história dos movimentos sociais reivindicatórios por meio de um desejo coletivo de maneira rápida e de conexão entre os indivíduos, melhorando as comunidades virtuais como canais de participação dos movimentos sociais (MINUCELLI, 2015).

Nesse contexto de sociedade em rede, devido às facilidades que as novas tecnologias e redes sociais proporcionam, permite que mais indivíduos organizem-se em

movimentos sociais. Entretanto, nem sempre os movimentos trazem benefícios para sociedade, pois muitas vezes as tecnologias servem como ferramenta para disseminação de informações falsas com o intuito de enganar ou convencer de algo sem fundamento científico. Exemplo disso são os movimentos antivacinação que tem crescido nos últimos tempos, conforme será apresentado na seção seguinte.

## **MOVIMENTO ANTIVACINA**

A vacina é uma das medidas mais importante de proteger a população de doenças, mas apesar de ser reconhecida como uma das iniciativas de saúde pública de maior sucesso, a vacinação é percebida como insegura e desnecessária por um número crescente de pessoas. Os movimentos antivacinação têm implicado nas taxas de aceitação da vacina e no aumento de surtos e epidemias de doenças evitáveis pela vacina.

A imunização corresponde à utilização de um determinado imunobiológico com o objetivo de estimular o sistema imunológico a criar defesas contra patógenos específicos que podem ser nocivos ao organismo. Nos serviços de saúde, a imunização é efetivada pela prática da vacinação (BALLALAI; BRAVO, 2017).

Apesar das vacinas contribuírem para a erradicação das doenças, os movimentos antivacinação são tão antigos quanto à própria vacina, descoberta por Edward Jenner em 1796, desde então o movimento vem ganhando adeptos. E, com a Internet, esses movimentos estão mais poderosos e têm o potencial de alcançar e influenciar muitas pessoas no mundo inteiro.

No Brasil, o primeiro movimento antivacinação ocorreu em 1904, devido às precárias condições de higiene e sistema de saneamento da cidade do Rio de Janeiro, a população foi tomada por uma severa onda de varíola. Na época, com a falta de informação dos efeitos benéficos da vacina, resultou na oposição dos habitantes à imunização, por medo de que a vacina fosse piorar a doença ou até mesmo levar à morte (BORGES; CERVI; PIAIA, 2020).

Diante disso, Oswaldo Cruz, que era Diretor da Saúde Pública desenvolveu um plano para limpar a cidade e instituir a vacinação obrigatória, criando uma espécie de polícia que pudesse invadir as casas e vacinar a população à força (PORTO, 2003). A resistência à vacinação obrigatória contra a varíola ficou conhecida como a “Revolta da Vacina”.

Entretanto, apesar dos movimentos antivacina existirem há tempos, foi a partir do caso Wakefield em 1998 que esses movimentos voltaram à pauta da saúde pública mundial. Nesse estudo realizado pelo médico inglês Dr. Andrew Wakefield e publicado no Lancet, apontava indícios que a vacina da tríplice viral contra sarampo, caxumba e difteria tinha relação com uma inflamação intestinal decorrente à exposição das crianças vacinadas ao Timerosal (mercúrio) um componente da vacina que seria causador do autismo (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL, 2010).

Pesquisas médicas subsequentes mostraram que nas conclusões de Wakefield faltava base científica, mas o dano já estava feito, e com isso a revista Lancet em 2004 retirou completamente o artigo que publicou em 1998, observando e orientando que os dados do trabalho haviam sido falsificados (CALDERÓN et al, 2019).

Os movimentos antivacina têm como principais argumentações contrárias a vacinação, as preocupações, dúvidas e alertas dos efeitos da vacina, e também o descrédito da medicina convencional comparado com as informações de órgãos oficiais de saúde (FERREIRA; et. al, 2020). Em geral, esses grupos também podem ser definidos como um grupo de pessoas que por diferentes razões (saúde, religiosas, científicas, políticas, filosóficas) acreditam que as vacinas e, em última instância, o ato da vacinação é um dano maior à sua saúde do que o possível benefício que pode contribuir (CALDERÓN et al, 2019).

A vacinação não exclui o risco de os indivíduos contraírem doenças, mas o reduz consideravelmente, além de evitar a morte de milhares de pessoas anualmente. Assim, os movimentos antivacinação representam uma ameaça à saúde, e por isso, em 2019 a Organização Mundial da Saúde – OMS, incluiu esses movimentos no relatório sobre os dez maiores riscos para a saúde global (OPAS BRASIL, 2019).

O uso da Internet e das redes sociais vem sendo apontado como o principal meio para a disseminação dos movimentos antivacinação, já que por meio dessas ferramentas é possível divulgar informações falsas com evidências e argumentos pseudocientíficos questionando a eficácia e seguranças de diversas vacinas, contribuindo para a reemergência de doenças (MORAES et al., 2018).

Aliada à rapidez com que as informações são geradas e compartilhadas no mundo pela internet, as chamadas “Fake News” que são notícias e informações falsas e sem fundamentos científicos, tem se tornado um problema, pois quando se trata de

informações relacionadas à saúde as falsas notícias podem causar impacto na vida da população e até se tornarem um problema de saúde pública (LUNA; KUTIANSKI, 2018).

Os movimentos antivacinação utilizam da divulgação de informações falsas que são impulsionadas pelo desconhecimento sobre os imunobiológicos e seus benefícios, com isso aumentam o potencial retorno de doenças já controladas pela vacinação e também demonstram o risco aos planos mundiais para a erradicação das doenças que são imunopreveníveis (CARDOSO et al., 2021).

Para Fernandes e Montuori (2020, p. 458), as *Fake News* sobre vacinação, estão relacionados a fatores como a baixa percepção do risco da doença, o receio de eventos adversos pós-vacinação, dúvidas sobre eficácia e formulação, além de desconsiderar os rigorosos padrões de exigência de qualidade nas etapas de pesquisa e produção da imunização.

Mesmo em tempos de pandemia, onde o Covid-19 já levou à morte milhões de pessoas no mundo, os movimentos antivacina estão influenciando sobre a decisão na imunização e disseminando informações falsas, politizadas e sem nenhum fundamento científico.

Os apoiadores dos movimentos antivacinação, geralmente são pessoas que não querem se vacinar e nem vacinar seus filhos e buscam disseminar informações contrárias à vacina e sem cunho científico, contudo, isso está voltando doenças já erradicadas comprometendo a saúde pública, conforme será abordado na seção seguinte.

## **IMPACTOS DO MOVIMENTO ANTIVACINA**

No Brasil foi criado o Programa Nacional de Imunização (PNI) em 1973, e desde então tem se aperfeiçoado alcançando coberturas vacinais infantis acima de 95%, sendo reconhecido como referência mundial. Entretanto, nos últimos anos a cobertura está em declínio, demonstrando assim um dos impactos causado pelo movimento antivacina.

O Ministério da Saúde, orienta que é mais provável que uma pessoa adoça gravemente por enfermidade evitável pela vacina do que pela própria vacina, e cita exemplos de que a poliomielite pode causar paralisia, o sarampo cegueira, e, algumas doenças evitáveis por meio de vacina podem levar até a morte (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

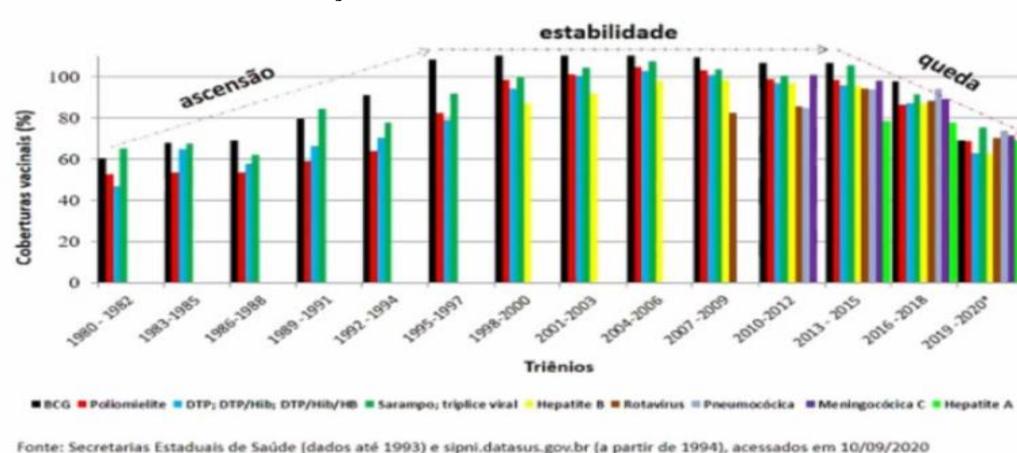
As campanhas de vacinação apresentam bons resultados, um deles é que em 2016, o Brasil chegou a receber da OMS registro da erradicação do sarampo, entretanto, nos últimos anos ocorreram surtos da doença devido à redução na cobertura vacinal, já que a meta de vacinação contra o sarampo é de 95%, mas em 2017 a cobertura foi de 84,9% na primeira dose e de 71,5% na segunda (FIOCRUZ, 2018).

Quanto ao Sarampo no mundo, dados apontam que os casos notificados da doença aumentaram em 30% a partir de 2016, e a cobertura vacinal na primeira dose da vacina foi de 85%, e na segunda dose de 67%, sendo que a meta desejável seria de 95% para evitar os surtos da doença (OPAS BRASIL, 2018).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Imunização – SBIM, no Brasil os dados de cobertura vacinal são preocupantes, pois no ano de 2019, pela primeira vez na história do PNI nenhuma meta alcançou o mínimo de 90%. E mais alarmante ainda são os números de 2020, que apesar de os números ainda não estarem consolidados, as vacinas oferecidas para crianças com até 1 ano, como a febre amarela, hepatite B para bebês de até 30 dias e a segunda dose da tríplice viral, registraram índices de 50,11%; 54,27%; e 55,7%; respectivamente (SBIM, 2020).

No que diz respeito à meta de homogeneidade por municípios, essa também não vem sendo batida. De cinco vacinas (penta, pneumocócica 10-valente, pólio e primeira dose da tríplice viral) analisado entre 2013 a 2020, o patamar estipulado de 70% só foi alcançado pela tríplice viral, nos dois primeiros anos da série (SBIM, 2020), conforme pode ser verificado no gráfico abaixo:

**Gráfico 1:** Coberturas vacinais médias por triênio e tipo vacinas do calendário da criança, Brasil, 1980 – 2020.



**Fonte:** Associação Brasileira de Imunizações, 2020.

Diante desses números que identificam a queda da cobertura vacinal em crianças no Brasil, a Unicef desenvolveu uma pesquisa para identificar quais fatores econômicos, sociais, culturais e da política de saúde estão relacionados à redução das coberturas vacinais em crianças menores de cinco anos. De acordo com a Unicef (2020), os resultados foram os seguintes:

- A obrigatoriedade da apresentação da carteira de vacinação para receber benefícios de programas sociais, como o Bolsa Família, é avaliada de forma diferente pelos grupos (positiva e negativa), mas ambos apontam a exigência como razão para vacinar.
- Ao mesmo tempo em que pais favoráveis entendem que a vacina é uma ferramenta importante para a garantia de saúde das crianças, eles relatam a baixa percepção de risco em relação a doenças imunopreveníveis como fator de hesitação.
- Ambos os grupos demonstram receios de eventos adversos e apontam a dificuldade de acesso às Unidades Básicas de Saúde (UBS) e a falta de vacinas como razões para a hesitação.
- Pais contrários ou parcialmente contrários à vacinação dizem preferir tratamentos naturais, seja por crenças individuais ou por desconfiarem da indústria farmacêutica.
- A principal fonte de informações sobre vacinas é a TV, mas os entrevistados afirmam que os conteúdos são transmitidos de forma bastante pontual e superficial, apenas durante campanhas. O segundo canal mais citado são as redes sociais (Facebook e WhatsApp), onde a desinformação tem mais espaço.

Com os resultados do estudo desenvolvido pela Unicef nota-se que é preciso mudar o foco e abordagem nas campanhas de vacinação – especialmente no que diz respeito ao esclarecimento dos possíveis eventos adversos, pois de acordo com Moraes et al. (2018, p. 6) “os efeitos deletérios associados ao uso de vacinas, quando presentes e comprovados cientificamente, ocorrem em frequência muito baixa e mostram-se inexpressivos quando comparados aos riscos relacionados à não vacinação”.

A decisão da não vacinação é individual e influenciada por vários fatores intrínsecos ao indivíduo, tais como conhecimento e informação, experiências passadas, percepção da importância da vacinação e convicções morais e religiosas. Entretanto, a decisão do indivíduo de não se vacinar ou persuadir pessoas de seu convívio a não fazê-lo contribui para reduzir a imunidade de rebanho, podendo resultar em surtos localizados de infecção em grupos ou populações específicas (MORAES et al, 2018).

O ressurgimento de doenças que estavam controladas ou até mesmo erradicadas demonstra o desafio da saúde se adequar aos meios de informação, que divulgam dúvidas,

mentiras e medos por meio de notícias falsas, o que pode contribuir para a redução da cobertura vacinal (BELTRÃO et al., 2020).

A SBIm em parceria com a AVAAZ (Associação civil sem fins lucrativos) desenvolveram uma pesquisa no ano de 2019 que tinha uma pergunta como título: As fake News estão nos deixando doentes? Nesse estudo o objetivo era investigar a associação entre a desinformação e a queda nas coberturas vacinais (SBIM; AVAAZ, 2019).

Entre outros resultados, o estudo apontou que 67% dos brasileiros acreditam em alguma informação falsa relacionada à vacinação. Em relação à atitude da vacinação 87% das pessoas disseram nunca ter deixado de se vacinar ou de vacinar uma criança sob seus cuidados. Entre os que não se vacinaram, 57% relataram como motivos não achar a vacina necessária (31%); medo de ter efeitos colaterais graves após tomar uma vacina (24%); medo de contrair a doença que estava tentando prevenir com a vacina (18%); por causa das notícias, histórias ou alertas que li online (9%) e por causa dos alertas, notícias e histórias de líderes religiosos (4%) (SBIM; AVAAZ, 2019).

Outro ponto do estudo que merece ser apresentado é sobre a influência das mídias sociais na decisão sobre a imunização. A mídia tradicional, que inclui televisão, rádio, sites de notícias da grande imprensa, foi a mais mencionada. Em segundo lugar estavam as redes sociais, como o Facebook, YouTube, Instagram, WhatsApp e demais redes, ou seja, essas fontes se mostraram mais recorrentes que o Ministério da Saúde ou médicos, por exemplo, que aparecem depois (SBIM; AVAAZ, 2019).

Esses números comprovam a falta de conhecimento prévio para fazer um julgamento adequado quanto à opção no momento da imunização, por isso é necessário que os profissionais da saúde e autoridades tenham disponibilidade para ensinar e repassar informações verdadeiras durante as campanhas de incentivo à vacinação.

Diante da desinformação da população e do aumento de propagação de *Fake News*, tem levado a Organização Mundial da Saúde, instituições acadêmicas e governamentais a criar plataformas de comunicação com o objetivo de detectar e conter a propagação das notícias falsas, fenômeno esse que tem influenciado nas tomadas de decisões, comportamentos e alteração da percepção do risco relacionados à imunização (ZAROCOSTAS, 2020).

Por isso, devem ser criados espaços e campanhas para divulgação de notícias verdadeiras e com cunho científico, auxiliando no esclarecimento de questões para

combater as Fake News, bem como conscientizar a população da importância da imunização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos sociais procuram apresentar a opinião de um grupo de indivíduos que defendem algum objetivo ou ideal. Contudo, diferentemente do início desses movimentos, eles tiveram suas características alteradas nos últimos tempos, pois apresentam novas demandas e formas de organização que são impulsionadas pela disponibilidade das novas tecnologias.

O movimento antivacinação aprofundado neste estudo demonstra essas mudanças, e com suas ideologias vem ganhando espaço na sociedade nos últimos tempos, gerando impactos negativos na saúde pública. Com a popularização e difusão das informações acessadas via internet, há maior facilidade no compartilhamento de opiniões, crenças e *fake news* associadas à vacinação que colocam em questão conhecimentos científicos e práticas profissionais já estabelecidas dedicadas à proteção e promoção da saúde.

Portanto, é necessário reunir os esforços para a conscientização da população com informações científicas e verdadeiras sobre a importância da vacinação, combatendo os movimentos antivacina. E mais do que nunca é preciso incentivar e conscientizar a população sobre a eficácia da vacina contra a Covid-19, doença essa que até o dia de hoje já vitimou mais de 4 milhões de pessoas no mundo.

Ainda que os números dos movimentos antivacina venham crescendo e causando impactos negativos na saúde pública, pode-se notar que o posicionamento positivo a respeito das vacinas são a maioria. Portanto, para diminuir os apoiadores dos movimentos antivacina são necessárias a criação de campanhas e ações governamentais baseadas nas melhores evidências científicas disponíveis, que sejam de amplo acesso e entendimento pela população, com informações didáticas, acessíveis e com linguagem clara para melhorar a educação em saúde e promover a confiança pública na vacinação.

## REFERÊNCIAS

AFFONSO, Lgia Maria Fonseca. O que são movimentos sociais? Principais teorias sobre movimentos sociais. In: **Movimentos Sociais e Mobilização Social**. Porto Alegre: Sagah, 2018.

BALLALAI Isabella; BRAVO Flávia. **Imunização: tudo o que você sempre quis saber**. Rio de Janeiro: RMCOM, 2017. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2018/10/imunizacao-tudo-o-que-voce-sempre-quis-saber.pdf>. Acesso: 14 mar. 2021.

BELTRÃO, Paula L. et al. Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. In: **Electronic Journal Collection Health**, Vol.12, n.6, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3088>. Acesso: 14 mar. 2021.

BORGES, Gustavo S.; CERVI, Taciana D; PIAIA, Thami Covatti. Autonomia Parental em saúde e conformação do movimento antivacinação no cenário de pós-verdade. In: **Revista Jurídica**, Curitiba, vol. 02, n. 59, p. 453-477, 2020. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/4100/371372413>. Acesso em: 13 mar. 2021.

CALDERÓN, Rodríguez N. P et al. A Influência dos Movimentos Antivaccinação na Aplicação do Sarampo. In: **Journal of Pure and Applied Microbiology**. India, vol. 13, n. 1, p. 127-132, 2019. Disponível em <https://microbiologyjournal.org/the-influence-of-antivaccination-movements-on-the-re-emergence-of-measles/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CARDOSO, Vivian M. V. S. et al. Vacinas e movimentos antivacinação: origens e consequências. In: **Revista Eletrônica Acervo Científico**, São Paulo, vol.21, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/6460>. Acesso: 15 mar. 2021.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 2016.

FERNANDES, Carla M.; MONTUORI, Christina. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. In: **Revista Eletrônica Comunicação Informação Inovação & Saúde**. Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1975/2363>. Acesso: 15 mar. 2021.

FERREIRA, Delson. *Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FERREIRA, Marieli V. et al. Movimento antivacinação no facebook®: uma análise crítica da disseminação de notícias falsas. In: **Brazilian Journal Development**. Vol. 6, n.9, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16365>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Sarampo de volta ao mapa**, 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/sarampo-de-volta-ao-mapa>. Acesso: 15 mar. 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. In: **Mediações – Revista de Ciências Sociais**. Londrina, v.5, n.1, p.11-40, 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, set.-dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n54/03.pdf> . Acesso em: 21 mar. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LUNA, Tatiana; KUTIANSKI, Anatalia. O consumo de informações sobre saúde por adolescentes do 8º ano do ensino fundamental. In: **E-mosaicos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n.15, ago. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/34185>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós-vacinação**. 3. ed. 2014. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/manual-de-vigilancia-epidemiologica-de-eventos-adversos-pos-vacinacao>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MIRANDA, Camila. M.; CASTILHO, Neuza. A. N.; CARDOSO, Vanessa. C. C. Movimentos sociais e participação popular: luta pela conquista dos direitos sociais. In: **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 176-185, jan. 2009.

MINUCELLI, C. P. O conceito de tecnologia e os movimentos sociais na era da internet. In: **Revista Alamedas**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/download/16961/11855>. Acesso: 15 mar. 2021.

MORAES, Luana R. et al. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. In: **Revista de Saúde Pública**, 2018. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rsp/v52/pt\\_0034-8910-rsp-S1518-87872018052000384.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v52/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872018052000384.pdf). Acesso em: 14 mar. 2021.

OPAS BRASIL – Organização Pan Americana da Saúde. **Casos de sarampo estão aumentando em todo o mundo devido a lacunas na cobertura vacinal, indica novo relatório da OMS.** 2018. Disponível em:

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5811:caso-s-de-sarampo-estao-aumentando-em-todo-o-mundo-devido-a-lacunas-na-cobertura-vacinal-indica-novo-relatorio-da-oms&Itemid=812#:~:text=Vacina%C3%A7%C3%A3o%20nas%20Am%C3%A9ricas-,Casos%20de%20sarampo%20est%C3%A3o%20aumentando%20em%20todo%20o%20mundo%20devido,e%20prolongados%20surto%20da%20doen%C3%A7a.](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5811:caso-s-de-sarampo-estao-aumentando-em-todo-o-mundo-devido-a-lacunas-na-cobertura-vacinal-indica-novo-relatorio-da-oms&Itemid=812#:~:text=Vacina%C3%A7%C3%A3o%20nas%20Am%C3%A9ricas-,Casos%20de%20sarampo%20est%C3%A3o%20aumentando%20em%20todo%20o%20mundo%20devido,e%20prolongados%20surto%20da%20doen%C3%A7a.) Acesso em: 15 mar. 2021.

OPAS BRASIL – Organização Pan Americana da Saúde. **Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019.** 2019. Disponível em:

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5848:dez-ameacas-a-saude-que-a-oms-combatera-em-2019&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5848:dez-ameacas-a-saude-que-a-oms-combatera-em-2019&Itemid=875). Acesso: 15 mar. 2021.

PORTO, Mayla Yara. Uma revolta popular contra a vacinação. In: **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 55, n. 1, Jan. 2003. Disponível em:

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252003000100032&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100032&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 14 mar. 2021.

SANTOS, Ana P. F. dos. Tecnologia e movimentos sociais. In: **Movimentos Sociais e Mobilização Social**. Porto Alegre: Sagah, 2018.

SANTOS, Diego F; FARIAS, Regina M.; ANDION, Carolina. Os novos Movimentos Sociais: o caso do Movimento ODS Santa Catarina. In: **Revista Grifos**, Chapecó, v.30, n. 52, mai-ago. 2021. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/index>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SBIM – Sociedade Brasileira de Imunizações. 2020. **Coberturas vacinais no Brasil são baixas e heterogêneas, mostram informações do PNI.** Disponível em:

<https://sbim.org.br/noticias/1359-coberturas-vaciniais-no-brasil-sao-baixas-e-heterogeneas-mostram-informacoes-do-pni>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SBIM – Sociedade Brasileira de Imunizações; AVAAZ – Associação civil sem fins lucrativos. 2019. **As Fake News estão nos deixando doentes?** Disponível em:

<https://sbim.org.br/images/files/po-avaaz-relatorio-antivacina.pdf>. Acesso: 15 mar. 2021.

SILVA, Maria Lucia Carvalho da. Movimentos sociais: gênese e principais enfoques conceituais. In: **Revista Kairós**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 13-37, dez. 2001.

UNICEF. **Estudo qualitativo sobre os fatores econômicos, sociais, culturais e da política de saúde relacionados à redução das coberturas vacinais de rotina em crianças menores de cinco anos.** Brasília, 2020. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/media/11001/file/estudo-fatores-relacionados-reducao-coberturas-vaciniais-de-rotina-em-criancas-menores-5-anos.pdf>. Acesso: 14 mar. 2021.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo. R.; CASTIEL, Luis D. A internet na história dos movimentos anti-vacinação. In: **Com Ciência**, Campinas, set. 2010. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000700011&lng=es&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000700011&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 09 mar. 2021.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. In: **The Lancet**, London, v. 395, n.10225, p. 676, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext). Acesso: 13 mar. 2021.

*Recebido em: 15/10/2021*

*Aprovado em: 20/10/2021*

*Publicado em: 27/10/2021*